

ORIGENS PAULISTAS DO SUL DE MINAS GERAIS *

José Antônio de Lemos Júnior

Imenso é o campo virgem que se oferece aos estudiosos da história do sul de Minas; muitos já divulgaram e coordenaram fatos sobre a região, de um passado bastante lírico e apaixonante, quer por seu romantismo de aspecto original, característico da grande epopéia da expansão geográfica, quer pelos lances dramáticos de seus personagens na consolidação do território conquistado.

Na primeira década de 1700, a crescente produção do ouro já havia dado enorme importância a Minas Gerais, havendo vozes que aconselhavam o desmembramento da Capitania de São Paulo e Minas do Ouro, até então uma só. A seis de abril de 1714, na vila de Nossa Senhora do Carmo, hoje cidade de Mariana, Dom Brás Baltasar da Silveira, Governador da Capitania, reúne uma Junta que lavra Ata sobre os limites de diversas comarcas do território, considerado o mais antigo documento de demarcações fronteiriças entre Minas Gerais e São Paulo, pois delimitava a Comarca do Rio das Mortes, do Termo de Guaratinguetá.¹

Em dezembro de 1720, um Alvará Régio separa a Capitania em duas, dando origem a de Minas Gerais, com governo próprio, mas criando um grave problema de divisas que se arrastou por mais de 200 anos, gerando sérios conflitos motivados pelas inconveniências das demarcações.

A descoberta do ouro a oeste de São João Del Rei, Comarca do Rio das Mortes, e do Rio Sapucaí, até então refúgio de mineradores clandestinos e quilombo de escravos, deu origem a diversos povoamentos, entre os quais as vilas de São Gonçalo do Sapucaí e Campanha, atraindo para a região grande número de sertanistas e bandeirantes. A imensa maioria destes homens era paulista, que tinha a proteção e o incentivo do Governador Dom Luís de Mascarenhas.

Neste ambiente de aventuras, começa a surgir a figura de Francisco Martins Lustosa, antigo açougueiro e comerciante na Vila da Campanha, que dominaria os acontecimentos da região por um largo período.

Sempre às voltas com as perseguições que lhe moviam as autoridades de Minas Gerais, Martins Lustosa penetra nos sertões a oeste do Rio Sapucaí, vindo a descobrir ouro e dando origem ao arraial de Santana do Sapucaí, hoje cidade de Silvianópolis.

(1) Rev. do Arquivo Público Mineiro, XXIV, págs. 27/32 e 433/436.

(*) Conferência lida na Academia Campinense de Letras em sessão de 13 de setembro de 1982.

As autoridades da Comarca do Rio das Mortes tomam conhecimento do fato e tentam a posse do novo descoberto, usando canoas; os paulistas reagem e resistem, travando-se, então, uma autêntica batalha naval. Inseguros, os bandeirantes se retiram, caminhando a oeste, chegando ao local onde hoje se encontra a cidade de Ouro Fino.

Francisco Martins Lustosa não estava entre os primeiros a chegarem ao novo descoberto, só tendo vindo para Ouro Fino, fugindo das autoridades de Minas Gerais, no final de 1748 ou no início de 1749. Nesta ocasião, o Conde de Bobadela, Gomes Freire de Andrade, em carta ao Governador de Santos, dizia que Martins Lustosa "...indo ultimamente para o quilombo de Ouro Fino e nele estar usando de absoluto e régio poder, tendo vida e fazenda quem ele determina."²

Na época, o arraial de São Francisco de Paula de Ouro Fino já tinha uma Capela, com população em torno de 200 pessoas, que entendia, perfeitamente, estar em território paulista, sem saber que a região já fazia parte da Capitania de Minas Gerais, pois a 9 de maio de 1748, uma Provisão Régia havia retirado Dom Luís de Mascarenhas do Governo de São Paulo e encarregado Gomes Freire de Andrade, o Conde de Bobadela, do Governo das Províncias de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro; a mesma Provisão, recomendava ao novo Governo, que restabelecesse os limites entre São Paulo e Minas Gerais, que "...seriam traçados pelo Rio Grande e pelo Sapucaí, ou por onde lhe parecesse."³

Esta última cláusula (ou por onde lhe parecesse), selou o destino mineiro de Ouro Fino e de uma vasta região, pois Gomes Freire de Andrade, senhor da situação, depositário da confiança do Rei de Portugal, árbitro único na questão de limites, inimigo de Martins Lustosa, elege delegado de sua confiança para a execução da Provisão Régia, o Doutor Tomaz Rubim de Barros Barreto, Ouvidor da Comarca do Rio das Mortes e figadal inimigo de Lustosa.

Intérprete fiel de Gomes Freire, Tomaz Rubim faz a demarcação pelas montanhas da Mantiqueira e por uma imaginária serra do Mogi Guaçu, de difícil interpretação.

A demarcação Rubim não soluciona o problema; leva descontentamento e gera conflitos por mais de duas centenas de anos. Ouro Fino, mais do que outras cidades do Sul de Minas, sempre esteve no centro do problema; seus habitantes tomaram parte ativa em quase todos os acontecimentos sobre a questão. Martins Lustosa, Ângelo Batista Furtado, Luís de Freitas Vilhalva, Antônio Correia de Abranches Bizarro, Sebastião Pires Ribeiro e Aureliano Leite, entre outros, em diversas épocas, atuaram na questão. Em 1913, o ouro-finense Júlio Bueno Brandão, então presidente de Minas, assina com o Governo de São Paulo um convênio sobre os limites dos dois Estados; e este não foi o último...

(2) Derby, Orville – *Documentos Interessantes*, XI, pág. 49.

(3) Derby, O. – *Obra citada*, pág. 41.

Arraial incipiente, cada novo sítio que se abria no sertão desconhecido, era causa de contestação em ambos os lados da fronteira. Em 1787, o Guarda-Mor de Moji Guaçu, Inácio Preto de Moraes, em carta ao Governo de São Paulo, acusa o Alferes Joaquim de Freitas, “comandante do Ouro Fino” (sic), do rompimento do marco divisório, na cabeceira do Rio Pardo; sobre o mesmo acontecimento, Jerônimo Dias Ribeiro, em carta a Dom Bernardo José de Lorena, acusa dois soldados de Ouro Fino, a mando de Joaquim de Freitas, de destruírem o marco do Rio Pardo.⁴

Eram litígios bastante comuns; em 1825, o Capitão de Moji Mirim, em carta a seu Governo, dizia que os “comandantes das ordenanças da Freguesia de São Pedro do Ouro Fino, Província de Minas Geraes” (sic), Antonio Correia de Abranches Bizarro e Bento José Tavares, estavam inquietando o seu distrito, mandando fazer posse de terras dentro de seus limites.

Mais tarde, os dois comandantes são acusados de invasão de terras, arbitrariedades, excessos e até roubo de mulheres casadas, como em 1831, quando o delegado da Fazenda Cachoeirinha, em carta ao Juiz de Paz de Moji Mirim, dizia que o Capitão Bento José Tavares havia mandado dois de seus filhos apossarem-se de terras, juntamente com “huns quantos fasinurosos do distrito do Ouro Fino” (sic), trazendo mulheres de vida fácil e escandalosa em suas companhias e roubando mulheres casadas, com a finalidade de “juntarem caterva”.⁵

A conquista do território Sul Mineiro foi feita na base do desbravamento e aventura; os primeiros povoadores, todos eles sertanistas e bandeirantes, lutaram até quando puderam para que a região fosse paulista. Mesmo após a “Posse Mineira de Ouro Fino”, o arraial ficou dividido entre as duas Províncias, pois, se no civil as autoridades eram mineiras, no espiritual, os vigários eram paulistas, subordinados ao Bispo de São Paulo; esta situação perdurou até 1900, quando foi criado o Bispo de Pouso Alegre.

A influência paulista era tão preponderante no arraial e em toda a região, que, em 1853, os moradores fazem uma representação à Assembléia de São Paulo, a exemplo de outras localidades do Sul de Minas, solicitando a anexação de Ouro Fino à Província de São Paulo, numa prova cabal de que, ainda, estávamos ligados às nossas origens paulistas.⁶

Francisco Martins Lustosa, fundador de Ouro Fino, sempre viveu em litígio com as autoridades de Minas Gerais; saiu de Ouro Fino fugido, indo exercer influência nos sertões do Paraná, onde chegou a ser Presidente da Câmara Municipal de Curitiba. Hoje, ironicamente, suas

(4) Derby, O. — Obra citada, págs. 608, 710 e seguintes.

(5) Derby, O. — Obra cit.

(6) Derby, O. — Obra cit., 783.

cinzas repousam no Cemitério da cidade que ele fundou, em serena Paz, venerado pelo povo e sem perseguições por parte das autoridades.

Concluída a “Posse Mineira de Ouro Fino”, alguns bandeirantes e seus descendentes lá ficaram; outros lá chegaram no final do século 18 e início do século 19, entre eles dois descendentes do Anhangüera.

Nascida numa época de pioneirismo, fruto do apogeu da grande conquista dos bandeirantes, Ouro Fino se sente orgulhosa de sua origem e concorda, plenamente, com Augusto de Saint Hilaire, que, ao tomar conhecimento do admirável esforço da expansão geográfica e social dos Bandeirantes, assim se expressou assombrado: “Depois que se conhecem os pormenores das jornadas intermináveis dos antigos paulistas, fica-se estupefato e levado a crer que estes homens pertenciam a uma raça de gigantes.”

Bartolomeu Bueno da Silva, O Moço, também conhecido como o “Segundo Anhangüera”, mesmo apelido de seu pai, a quem, adolescente ainda, acompanhara pelos sertões imensos do Brasil, foi um destes gigantes de que nos fala o sábio Saint Hilaire. Personalidade de ânimo forte e homérica tenacidade, foi o último vulto formidável do bandeirantismo no ocaso, cujo princípio era sempre “descobrir o que buscava ou morrer na empresa”.

Teve enorme influência no descobrimento e povoamento de Minas Gerais e Goiás, estando, já em 1701, na região de Sabará e depois em Pitangui, tendo falecido a 19 de setembro de 1740, na antiga capital de Goiás, por ele fundada. Bisneto de Bartolomeu Bueno, o Sevilhano, apelidado “da Ribeira”, era de uma origem de bravos e destemidos, a quem o Brasil deve inestimáveis serviços e a integridade de seu território.

De seus filhos, todos de grande destaque no movimento das Bandeiras, uma, Leonor Bueno, desposa Domingos Rodrigues do Prado, certamente uma das figuras mais características do antigo paulista, ativo, insubmisso e dessassombrado, homem dos mais notáveis no movimento das Bandeiras. Em 1700, provavelmente como Cabo de Tropa de uma das muitas Bandeiras, penetra nas regiões desconhecidas de Minas, dando início a várias povoações, entre as quais a de Pitangui, que iria marcar, sobremaneira, a vida aventureira e famosa deste sertanista, descrito em nossa História como homem de perfil sanguinário, mas de intenso fulgor.

Suas descobertas grangearam-lhe fortuna, grande número de escravos, muita fama e desgostos. Era respeitado e temido em todo o sertão de Minas Gerais, chegando a chefiar a revolta contra o estabelecimento dos “Quintos do Ouro”. Por sua insubordinação e por ter chefiado a revolta de Pitangui, mereceu citação em carta que o Conde de Assumar, a 9 de fevereiro de 1720, escreveu ao Soberano Português, do

seguinte teor: Senhor: os anos passados estava por Capitão-Mor da Vila de Pitangui, Domingos Rodrigues do Prado... homem régulo e por natureza matador insigne e motor principal das revoluções que sempre houve naquele distrito...”

Mais adiante, citando a ausência de Domingos Rodrigues do Prado na Vila de Pitangui, dá graças a Deus e explica que, com a sua presença, “não havia forma de executar em causa alguma o serviço de sua Magestade, nem cobrar os Quintos.”

Foi um dos precursores de nossa Independência, sempre defendendo a terra contra a cobiça do colonizador. Sua posição de combate às autoridades de Portugal, valeu-lhe a fama de régulo e sanguinário; sua honestidade e liderança junto aos brasileiros, teve o reconhecimento da Câmara Municipal de Pitangui, hipotecando-lhe a solidariedade, indicando seu nome para a administração da Vila, numa clara resistência à Coroa Portuguesa.

De seu casamento com Leonor Bueno, filha do Anhangüera, Domingos Rodrigues do Prado teve, entre outros, dois filhos de nomes Bartolomeu Bueno do Prado e Domingos Rodrigues da Silva.

O primeiro destes irmãos, Bartolomeu Bueno do Prado, casou-se com Isabel Bueno, filha de Francisco Bueno Luís da Fonseca; o segundo, Domingos Rodrigues da Silva, casou-se com Maria Jorge, filha de Pascoal Leite Pais; ambas descendiam de Amador Bueno da Ribeira, o Aclamado Rei.

Destes consórcios nasceram, entre outros, Felisberto Rodrigues Bueno e Ana de Leonor de Gusmão Bueno. Ela faleceu em Ouro Fino, em 1826, para onde viera, na primeira década de 1800, já viúva de seu primo, Felisberto Rodrigues Bueno, em companhia de seu filho Felisberto Candido Rodrigues Bueno e de sua nora, Francisca Justiniana de Seixas S. Ávila.

Este casal conseguiu despertar em mim verdadeira admiração, quando, por simples curiosidade, iniciei um pequeno estudo genealógico de minha família, incentivado e influenciado pela personalidade marcante do Doutor José Guimarães, grande mestre, arguto investigador e cultor apaixonado pela nossa História, com quem aprendi a olhar o passado com respeito, modéstia e humildade, ciente de que somos a resultante e não a determinante de uma sociedade.

Felisberto Cândido Rodrigues Bueno, trineto do grande bandeirante Anhangüera, era descendente de sertanistas e povoadores, verdadeira raça de gigantes. Francisca Justiniana de Seixas da Silva e Ávila, provinha de uma família cujas origens se prendem a um passado longínquo e se confundem com a própria História de Portugal. Descendente de militares, reis e políticos e ascendente de governadores, militares, políticos

e escritores, Francisca Justiniana de Seixas da Silva e Ávila, ou Francisca Sanches de Lemos, nome que adotou ao contrair segundas núpcias com o Coronel José Antonio de Lemos, irmão do Barão do Rio Verde, nasceu em Ouro Preto e faleceu em Ouro Fino, no ano de 1876. Era filha do Brigadeiro José da Silva Brandão e Ana de Seixas da Silva e Ávila; neta de Francisco Sanches Brandão e sobrinha de Beatriz Francisca de Assis. A Musa da Independência, no dizer de Augusto de Lima Júnior, e prima de Marília de Dirceu, Maria Dorotéa Joaquina de Seixas, é uma das figuras mais respeitáveis da História de Minas Gerais.

Dentre os descendentes do Anhangüera, todos netos, bisnetos, trinnetos ou tetranetos do casal Felisberto Cândido Rodrigues Bueno e Francisca Sanches de Lemos, destacamos Elmano Cardim, que foi da Academia Brasileira de Letras; Silviano Brandão, político, advogado e médico, Presidente de Minas e Vice-Presidente eleito da República, não chegando a tomar posse por motivo de sua morte; Júlio Bueno Brandão, Presidente de Minas Gerais por duas vezes, personagem influente na política nacional, signatário, juntamente com Cincinato Braga, no ano de 1913, do “Pacto de Ouro Fino”, origem da famosa política do “café com leite”, entre Minas e São Paulo; Pedro Sanches de Lemos, médico e cientista, grande propulsor das águas termais de Poços de Caldas; Almirante Francisco Augusto de Paiva Bueno Brandão, que, juntamente com seu tio, o Major Sabino Sanches de Lemos, tomou parte na Guerra do Paraguai; Juvenal Sanches de Lemos Brandão, emérito educador mineiro; João Lúcio Brandão, escritor, jornalista e educador mineiro; Higino de Barros Lemos, general de brilhante carreira no Exército Nacional.

De uma geração mais nova, destacamos Álvaro Brandão Apocalipse, grande expressão da pintura mineira; Antônio Fonseca Pimentel, membro da Comissão de Administração Pública Internacional das Nações Unidas, recentemente lembrado para substituir Kurt Waldhein na Secretaria-Geral da ONU e Maurício de Moraes, poeta e jornalista em Campinas.

Podemos citar, ainda 7 dos 14 prefeitos de Ouro Fino, também fazendo parte da descendência do ilustre bandeirante Anhangüera, todos, ainda hoje, confirmando o assombro de Saint Hilaire frente a esta Raça de Gigantes e desmentindo teorias que afirmam ter a descendência do Anhangüera, emigrada para os “eldorados” mineiro, goiano e mato-grossense, se estiolado na decadência, fruto, entre outras coisas, da mesologia ingrata.